

CRISTIANA LÔBO

## Educação dá trabalho...

**E**stá longe de o Brasil se orgulhar de seus índices na área de educação. Mas, de dois anos para cá, alguma coisa está mudando e resultados muito positivos começam a aparecer. Até bem pouco tempo, difícil era levar a criança até a escola. Agora, o problema é fazê-la ficar lá e aprender — evitar a repetência e o abandono da escola pela criança.

É um processo muito difícil não só para as crianças da rede pública. Num mundo de informação instantânea, a escola regular ficou muito chata, pouco atrativa. Pela televisão ou pelo computador, a informação chega muito mais rapidamente e de forma muito mais interessante para o aluno.

Mas, aos poucos, o governo vem conseguindo reverter esse quadro. O número de crianças matriculadas no primeiro grau está crescendo ano a ano, enquanto a evasão e a repetência caem. Em dois anos, houve o crescimento de 4,9 pontos percentuais no número de matrículas — o que quer dizer que 1,5 milhão de crianças chegam à escola pela primeira vez. Um fato curioso: o crescimento mais acentuado se dá na faixa dos 10 aos 14 anos, crianças que freqüentam entre a 5ª e a 8ª séries — meninos e meninas que estavam muito perto de ir para as ruas.

Para alcançar esses resultados, mostra a experiência, é necessária uma total reformulação da política educacional, desde aspectos logísticos — a localização das escolas — até o treinamento de professores. Em São Paulo, onde existem 6,5 milhões de alunos na rede pública de ensino, estão bons exemplos das mudanças que proporcionam esses resultados positivos.

O governo Mário Covas aumentou em 4,6 pontos percentuais o índice de aprovação dos alunos da rede pública — quase o equivalente ao período de 1987 a 1994, compreendendo os governos Orestes Quércia e Fleury Filho. Isso quer dizer que 221 mil alunos fadados à repetência avançaram na escola.

Esse resultado só foi possível por causa de inovações adotadas nestes dois anos. Em primeiro lugar, estão sendo oferecidas aos alunos aulas de recuperação nas férias, tal como acontece nas escolas

particulares e a ampliação das horas-aula. Em São Paulo, 4,5 milhões de crianças de 1ª a 4ª séries estão estudando cinco horas por dia, enquanto antes o período escolar era de quatro horas por dia. Isso quer dizer que depois de quatro séries escolares, o aluno terá feito o equivalente a cinco anos na escola.

Para os alunos de segundo grau, a rede pública instituiu o sistema de "salas de aceleração". Elas são destinadas a alunos que queiram desenvolver mais rapidamente. Esse sistema atendeu em 1996 quase 11 mil alunos e neste ano já são 45 mil estudantes nesse sistema. Mas é no 2º grau o maior índice de evasão, não só em São Paulo, mas em todo o País.

Toda criança em São Paulo tem matrícula assegurada na primeira série. É quando ela recebe um número de registro

que, no futuro, será o número de sua carteira de identidade. Com isso, é possível acompanhar o desenvolvimento de cada criança e, também, assegurar-lhe a vaga a cada ano.

Os professores de São Paulo são obrigados a dedicar 40 horas semanais ao ensino, das quais têm de usar duas por dia para preparação da aula ou debates pedagógicos na própria escola. Aulas de educação para o trânsito ou sobre doenças contagiosas são ministradas por meio da televisão.

Para chegar a esses resultados, o governo de São Paulo precisou reformular todo o sistema educacional, que envolve desde a formação do professor à redistribuição de novos prédios para as escolas públicas. Para isso, foram desativadas 148 escolas, porque estavam em locais onde não havia alunos (o setor tornou-se mais comercial do que residencial) e a construção de 276 novas escolas e a ampliação de outras 339 — aumentando em 2.439 o número de salas de aula. Subiu de R\$ 4 milhões em 1995 para R\$ 170 milhões o repasse de recursos diretamente às escolas para que elas fossem reequipadas. Hoje, todas têm pelo menos um computador na administração — e muitas já dispõem de equipamentos de informática para os alunos.



■ *Cristiana Lôbo é jornalista*

**Até pouco tempo, difícil era levar a criança até a escola. Agora, o desafio é fazê-la ficar lá e aprender**